

NA BOA ESPERANÇA

RUBEM BRAGA

Um amigo de Hugo Borghi calcula que ele gastou 65 mil contos em sua campanha para ser governador de São Paulo. Perdeu. Outro amigo me disse que na próxima eleição ele voltará a ser candidato.

Não fiz ao sr. Borghi nenhuma pergunta política, nem mesmo para confirmar o que diziam seus amigos. Não simpatizo de maneira alguma com os métodos políticos do sr. Borghi, e se fôsse eleitor paulista votaria, no ano que vem, em Prestes Mala para governador. Quanto aos famosos negócios do algodão, o que deduzi das discussões finais é que eles foram espantosos, porém legais.

E fora disso o único sr. Hugo Borghi que conheço, embora ligeiramente, é o que fui visitar, no antigo, e uma decadência digna na lavoura. Boa Esperança, município de Formosa, Estado de Goiás, a quase mil quilômetros do Rio. O chefe da delegação do Banco Mundial, que esteve lá, declarou, na despedida, que aquilo fôra o ponto alto (the peak) do que viu no Brasil.

Meu fim de semana não foi muito agradável. Eu preferia tê-lo passado em uma doce fazenda velha, com árvores gordas, rede na varanda, móveis antigos, e uma decadência digna na lavoura. Boa Esperança é uma coisa inventada em oito meses, construída violentamente com tratores que derrubam árvores, abrem estradas e canais, luz elétrica, casas para o pessoal, 1.600 alqueires plantados do dia para a noite, cinema falado, creche, estação de rádio conversando com o Rio e São Paulo e até desastre

de avião, além de senhoras de calças compridas que assumem ares eficientes, e bebem coca-cola.

Nesses oito meses já chegaram cerca de mil pessoas, e no fim de semana apareceram umas 80 mais. Na terça-feira, pela manhã, apareceu uma grande máquina que se enche com 8 toneladas de cascalho e os espalha pelas estradas, para aguentar as águas que vão desabar. Quando alguns desses monstros do sr. Borghi passaram pela rua de Formosa, algumas casinhas caíram e outras ficaram abaladas. Sim, o homem é violento.

Se eu disser que o sr. Borghi tem um plano de assistência social aos trabalhadores e já começou lhes dando vantagens superiores a outras fazendas, não o estarei chamando de benemérito. Uma empresa como a sua, perdida naquele fim de mundo, tem de atrair o arigó e fixá-lo. A tendência do balanço é para pedir as contas depois de algum tempo e ir-se embora. Como já mudei de jornal umas dezenas de vezes não tenho autoridade para censurá-lo; não tenho sangue de cafuné.

"Isso que eu quero fazer — me disse o sr. Borghi — é uma revolução em matéria de técnica, de colonização e de organização social".

Revolução não é bem o termo. Trata-se de uma experiência feita em grande, chupando logo de cara umas dezenas de milhões de cruzeiros, para criar no planalto central um enorme centro agrícola, industrial e comercial, cuja produção será vendida pela própria organização, diretamente, ao consumidor do Rio, de São Paulo e de outros centros. Se vai dar certo eu não sei; pois se entendesse de negócios eu estaria ganhando e gastando milhões como o sr. Borghi e não aqui vendendo humildemente meus artiguinhos molhados, a preços ídem.

O sr. Borghi começou sua vida política fazendo uma demagogia altamente perniciosa. Agora está fazendo mercadorias. É um melhor emprego de capital, para ele e para nós.

17.11.47

270